

## O QUE O SKATE PODE DIZER SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA?

*WHAT CAN SKATEBOARD SAY ABOUT TEACHING GEOGRAPHY?*

### LUCIANO HERMES DA SILVA

*Mestrando em Geografia (DGEO/FFP-UERJ)*

*Professor de Geografia da SME/RJ*

lucianohermes@yahoo.com.br

### NELSON DINIZ

*Mestre em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ)*

*Professor de Geografia do Colégio Pedro II – Campus Niterói*

nelsondiniz@hotmail.com

**RESUMO:** ESTE ARTIGO PRETENDE PROBLEMATIZAR A PRÁTICA DO SKATE DE RUA COMO OBJETO DE REFLEXÃO NO ÂMBITO DO ENSINO DE GEOGRAFIA. OBJETIVA DEMONSTRAR COMO OS SKATISTAS PROTAGONIZAM A RESSIGNIFICAÇÃO DA CIDADE ATRAVÉS DE USOS ORIGINAIS DO MOBILIÁRIO URBANO. TRATA-SE DE REFORÇAR O MOVIMENTO QUE ARTICULA AS PRÁTICAS ESPACIAIS DOS JOVENS AOS CONTEÚDOS E TEMAS TRADICIONAIS DA GEOGRAFIA. A PARTIR DA REFERÊNCIA AO CONCEITO DE ESPAÇO PÚBLICO, BUSCA-SE DEMONSTRAR QUE O RECURSO ÀS PRÁTICAS COTIDIANAS DA JUVENTUDE PERMITE PROBLEMATIZAR CONFLITOS, RELAÇÕES IDENTITÁRIAS E PROCESSOS RELACIONADOS À PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO.

**PALAVRAS-CHAVE:** FUNK; GEOGRAFIA; ENSINO; RELATOS.

**ABSTRACT:** THIS PAPER AIMS TO PROBLEMATIZE THE PRACTICE OF STREET SKATING AS AN OBJECT OF REFLECTION IN TEACHING OF GEOGRAPHY. AIMS TO DEMONSTRATE HOW THE SKATERS STAR IN THE REFRAMING OF THE CITY THROUGH ORIGINAL USES OF URBAN FURNITURE. IT IS STRENGTHENING THE MOVEMENT THAT ARTICULATES THE SPATIAL PRACTICES OF YOUNG PEOPLE TO TRADITIONAL THEMES OF GEOGRAPHY. FROM THE REFERENCE TO THE CONCEPT OF PUBLIC SPACE, WE SEEK TO DEMONSTRATE THAT THE USE OF THE EVERYDAY PRACTICES OF YOUTH LETS DISCUSS CONFLICTS, IDENTITY RELATIONS AND PROCESSES RELATED TO SOCIAL PRODUCTION OF SPACE.

**KEYWORDS:** SKATEBOARD; COUNTER USE; SPATIAL PRACTICES; YOUTH; TEACHING GEOGRAPHY.

## INTRODUÇÃO

Em consonância com processos de ensino-aprendizagem que consideram a realidade e os interesses dos alunos, este artigo sugere a possibilidade de estimular reflexões em Geografia Urbana a partir de uma prática típica dos estudantes da Educação Básica, o skate de rua. Para Cavalcanti (2012): “Conhecer os jovens e suas práticas espaciais é fundamental para encaminhar as atividades de ensino, a fim de envolvê-los nos conteúdos geográficos apresentados” (p. 10). Trata-se de reforçar o movimento que articula as práticas espaciais dos jovens aos conteúdos e temas tradicionais da Geografia.

Segundo pesquisa do Instituto Datafolha<sup>1</sup>, encomendada pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK) e realizada em 2009, 5% dos domicílios brasileiros possuem algum praticante de skate – nas regiões metropolitanas esse número cresce para 7%. Ainda de acordo com a pesquisa, a maioria situa-se entre 11 e 20 anos de idade. Ou seja, o skate é difundido principalmente entre jovens em idade escolar.

Neste artigo considera-se o skate de rua uma atividade associada à ressignificação material e simbólica da cidade, à subversão criativa de suas formas e à reapropriação dos espaços públicos. Ao contrário da maioria dos jogos, o skate de rua realiza-se nos espaços da vida cotidiana. Por conseguinte, sua característica fundamental é o uso compartilhado dos equipamentos urbanos. De acordo com Zarka (2011):

*O skate compartilha seu espaço de jogo com aqueles que não o praticam, isto é, com aqueles que não jogam. Essa é uma de suas características mais salientes. Isso não ocorre sem um impacto em nossa vida cotidiana e, frequentemente, o skate é reprovado justamente por essa permeabilidade.*  
(p. 118, tradução nossa)

Apartir da referência ao conceito de espaço público – conceito negligenciado pela Geografia2

–, busca-se demonstrar que o recurso às práticas cotidianas da juventude permite problematizar conflitos, relações identitárias e processos relacionados à produção social do espaço.

## PRÁTICAS ESPACIAIS DA JUVENTUDE E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Apesar dos descompassos entre teorias e práticas pedagógicas, tornou-se comum reconhecer os alunos como sujeitos ativos dos processos de ensino/aprendizagem. Conforme Weiz (2001):

*O salto importante que se deu no conhecimento produzido sobre as questões do ensino e da aprendizagem já permite que o professor olhe para aquilo que o aluno produziu, enxergue aí o que ele já sabe e identifique que tipo de informação é necessária para que seu conhecimento avance. Isso se tornou possível porque, nas últimas décadas, muitas das pesquisas têm ajudado a consolidar uma concepção que considera o processo de aprendizagem como resultado da ação do aprendiz.* (p. 22-23)

Do ponto de vista do ensino de Geografia, mais precisamente de Geografia Urbana, essa tendência conduziu à valorização de práticas espaciais identificadas com o cotidiano da juventude.<sup>3</sup> Frequentemente, considera-se, por exemplo, o grafite, o funk, o hip-hop, entre outros, como temas pertinentes à reflexão sobre os conceitos geográficos. Parte-se do pressuposto de que, ao fazê-lo, produzem-se situações de aprendizagem efetivas.

Segundo Cavalcanti (2013, p. 76), a “análise da juventude e de sua cultura, como referência significativa dos alunos da educação básica” permite atribuir novos sentidos à Geografia que se ensina. Implica, do mesmo modo, numa concepção sobre a juventude em sua relação com a cidade. Para a autora:

*Os jovens são agentes do processo de*

*produção e reprodução do espaço urbano, pois em seu cotidiano fazem parte dos fluxos, dos deslocamentos, da construção de territórios; criam demandas; compõem paisagens; imprimem identidades e dão movimento aos lugares. Essa produção/reprodução se articula a diferentes modos de inserção desses jovens, dependendo de sua condição socioeconômica, do gênero, etnia, raça, opção religiosa, condição sexual, e de sua vinculação aos diversos grupos. Por diferentes modos, buscam constituir seus lugares, em espaços públicos ou privados, na rua, no clube, na praça, nos bares, na escola, imprimindo neles suas marcas, construindo suas identidades. (CAVALCANTI, 2013, p. 80-81)*

No caso considerado, isto é, a prática do skate de rua, a apropriação de frações da cidade enseja a constituição de espaços de referência identitária<sup>4</sup>. Os skatistas protagonizam a ressignificação dos espaços públicos através de usos originais do mobiliário urbano. Ao mesmo tempo, tornam-se sujeitos ativos da afirmação de direitos e da produção social do espaço.

## **CONTRA-USO<sup>5</sup> SKATISTA**

Em sua forma contemporânea, o skate surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, em bairros populares de Los Angeles e ao redor da praia de Santa Mônica. O sidewalk surfing tornou-se a alternativa dos surfistas locais para “um dia sem ondas” (ZARKA, 2011). Segundo Machado (2011):

*Até meados da década de 50 do século passado, isso não passava de uma mera brincadeira, um entretenimento em que não havia tantos objetivos, como os de realizar manobras, vencer obstáculos, disputar competições ou muito menos de viver profissionalmente do mesmo. [...] Somente a partir de 1960 que esse brinquedo improvisado adquiriu novos significados.*

*Com a irregularidade das ondas em praias californianas, vários surfistas norte-americanos apropriaram-se das tábuas com rodinhas e deram um outro sentido ao seu uso: após alterarem seus formatos, ficando semelhantes a uma pequena prancha, elas se tornaram uma espécie de surfe sobre rodas. Através das mesmas, os surfistas podiam, de certo modo, surfar a qualquer momento e em muitos lugares, transpondo alguns dos movimentos antes feitos dentro d'água para diversos equipamentos urbanos. (p. 14)*

A despeito de seu desdobramento em diversas modalidades, o street skate ou skate de rua é aquela que expressa melhor os fundamentos dessa prática. Para Zarka (2011):

*Apesar de existirem inúmeros espaços criados expressamente para a prática do skate (skateparks), trata-se acima de tudo de uma atividade urbana. Mais precisamente, é uma prática “do urbano”, no sentido de que o seu terreno é realmente a cidade, ou pelo menos uma reinterpretação da diversidade de materiais e formas da cidade. (p. 114, tradução nossa)*

Portanto, o skate de rua é uma forma de reapropriação dos espaços urbanos, mais precisamente dos espaços públicos. Reapropriação semelhante aos modos de operação, esquemas de ação ou maneiras de fazer, tal como definidos por Certeau (2013): “práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (p. 41).

Para Certeau (2013), diante dos produtos impostos por uma ordem dominante (econômica, urbanística, etc.), os usuários elaboram criativamente suas próprias maneiras de empregar esses produtos. Ainda segundo o autor:

*Assimiláveis a modos de emprego, essas “maneiras de fazer” criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes*

*e interferentes. Assim, as “maneiras” de habitar (uma casa ou uma língua) próprias de sua Kabília natal, o magrebino que mora em Paris ou Roubaix as insinua no sistema que lhe é imposto na construção de um conjunto residencial popular ou no francês. Ele os superimpõe e, por essa combinação, cria para si um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem sair do lugar que lhe impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos. (CERTEAU, 2013, p. 87)*

Exatamente o que fazem os skatistas, os sujeitos da prática que se pretende problematizar. De acordo com Machado (2011), no contexto do skate de rua:

*[...] um corrimão não serve somente para dar segurança a quem utiliza uma escada, mas também para ser deslizado com o skate. Uma escada não é apenas para se passar de um nível ao outro, mas para ser pulada. Uma escultura não é só para ser olhada e apreciada, mas, ao contrário, pode servir como uma inclinação propícia para manobras. Os exemplos se estendem aos bancos, às bordas, às placas de trânsito, etc. Portanto, ao circular pelos espaços urbanos e ao ressignificar as finalidades atribuídas aos seus respectivos equipamentos, a cidade ganha novos contornos. (p. 26)*

Ao servir-se da inclinação de uma escultura, pular uma escada ou deslizar sobre um corrimão, os skatistas afirmam sua criatividade, sua experiência singular das formas e dos equipamentos urbanos (Figura 1). Os usos que fazem do espaço geométrico dos arquitetos e urbanistas tira daí efeitos imprevistos. A essa subversão dos efeitos previsíveis da utilização das formas e dos equipamentos urbanos chamamos contra-uso skatista.

Existem outros modos de operação ou esquemas de ação que expressam, igualmente,

as maneiras como os skatistas produzem a ressignificação material e simbólica dos espaços públicos. Machado (2011) refere-se, por exemplo, à busca consciente dos espaços suscetíveis à prática do skate de rua. Segundo o autor:

*Outro elemento lúdico da prática do street skate é justamente a procura por picos. Logo, sempre que possível, é importante circular por vários desses espaços. Entretanto, a procura por lugares skatáveis não se dá somente ao acaso. Ciente de suas habilidades em cima do “carrinho”, os skatistas vão ao encontro daqueles obstáculos com os quais mais se identificam. (p. 117)*

Outro exemplo diz respeito às formas como os skatistas nomeiam esses espaços. Sobre a polissemia do termo nativo pico, Machado (2011) afirma que:

*Para a maioria dos paulistanos, o termo “pico” pode fazer referência a uma situação intensa e conturbada (por exemplo, o horário de “pico” no trânsito). Já para os skatistas, pico é um termo nativo que evoca espaços compostos por equipamentos urbanos, que se tornam obstáculos nos quais são realizadas as manobras. Também definido pelos skatistas como lugares skatáveis, para que um equipamento seja considerado um pico, ele deve estar associado a uma série de características que permitam a prática do skate. (p. 113-114)*

É comum entre skatistas nomear os lugares, as formas e os equipamentos urbanos a partir de um léxico próprio – em geral ignorado por não iniciados. Por exemplo, na Praça XV de Novembro, no centro do Rio de Janeiro, a Estátua Equestre do Rei Dom João VI é denominada simplesmente como “Cavalo” pelos skatistas locais. Nas imediações da praça, os mesmos reconhecem a fachada de um banco como “Mortal Kombat”<sup>6</sup>.



Figura 1 | Escultura utilizada como inclinação propícia para manobras. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/pedrorelha/>

Por último, destaca-se o modo como os skatistas apropriam-se dos espaços públicos modificando-os à sua maneira. Trata-se do Do it Yourself (DIY). Compreende-se o DIY como manifestação da criatividade característica do skate de rua e que extrapola a definição de contra-uso skatista acima apresentada. De acordo com Charest (2014):

*A cultura DIY no skate, que surgiu em grande parte da intensificação da prática nas ruas, na década de 1990, é definida pela capacidade que os skatistas têm de identificar e criar espaços interessantes para a prática. Para o desconforto de proprietários e de administradores de espaços públicos, isso muitas vezes significa transformar, por exemplo, bordas e bancos em locais de frequência regular de skatistas. A cultura*

*DIY skatista, desde então, evoluiu a partir da ideia de que skatistas devem sair e encontrar algo apropriado para a prática do skate (embora esta ainda seja uma de suas principais características) a um movimento global que é definido mais por um desejo de recuperar e remodelar espaços públicos através da autoconstrução de objetos que possibilitem a prática do skate, bem como a execução de manobras. Estes espaços são na maioria das vezes abandonados ou subutilizados. (Tradução nossa)*

O DIY diz respeito não apenas à subversão dos usos das formas e dos equipamentos urbanos, mas à inscrição, de maneira mais ou menos permanente, de novos elementos nos espaços apropriados – rampas, corrimãos, palcos, tablados, elevações, etc. Espaços públicos

subutilizados transformam-se em lugares de encontro intensamente frequentados por skatistas, que lhes atribuem novos sentidos e qualidades materiais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os modos como os skatistas apreendem as paisagens urbanas e, sobretudo, como as convertem em espaços de referências identitárias, podem transformar-se em objetos de reflexão no âmbito do ensino de Geografia. Os distintos esquemas de ação dos skatistas revelam formas originais de leitura, representação e apropriação da cidade. Ler e representar elementos do espaço geográfico; não é o que se espera como resultado dos processos de ensino/aprendizagem de que se ocupa a Geografia? Os jovens já o fazem, à sua maneira. Por que não valorizá-la?

De acordo com Low e Smith (2006), os espaços públicos são definidos em termos de “regras de acesso, da fonte e da natureza do controle sobre a entrada em um espaço, de comportamentos individuais e coletivos permitidos em um espaço específico e de regras de uso” (p. 4, tradução nossa). Através de suas práticas cotidianas os skatistas estabelecem disputas em torno da apropriação dos espaços públicos, atribuem sentidos aos lugares, questionam formas de controle e usos previsíveis da cidade. Não se trata de reivindicar determinados direitos? De posicionar-se no debate sobre a natureza dos espaços públicos, sobre as regras de uso desses espaços? Uma vez mais, aquilo se espera da juventude, como produto dos processos institucionalizados de aprendizagem, ela já o possui, sob formas particulares.

Para Cavalcanti (2013), reconhecer as práticas espaciais da juventude permite trabalhar concretamente o conteúdo cidade no ensino de Geografia. Segundo a autora: “A concepção que se tem é de que essa abordagem contribui para o desenvolvimento de habilidades necessárias para os deslocamentos e práticas do aluno, capacidades elementares para o usufruto pleno da cidade” (CAVALCANTI, 2013, p. 76). Considerar

o skate de rua, como tantos outros exemplos, expressa a possibilidade de valorização de referências espaciais significativas dos alunos da Educação Básica. Possibilidade que se pretendeu apenas problematizar. Retirar daí efeitos práticos é algo que permanece em construção.

## NOTAS

<sup>1</sup> Disponível em: [http://173.255.202.190/uploads/ckeditor/attachments/8/Pesquisa\\_Datafolha\\_2009.pdf](http://173.255.202.190/uploads/ckeditor/attachments/8/Pesquisa_Datafolha_2009.pdf). Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>2</sup> Segundo Serpa (2009): “A Geografia pouco se ocupou da discussão acerca do espaço público urbano. Com raras exceções, esse tem sido um tema pouco explorado pelos geógrafos” (p. 15).

<sup>3</sup> Para Cavalcanti (2013), o conceito de juventude não corresponde apenas a critérios de idade ou desenvolvimento biológico. De acordo com a autora: “não se pode referir a essa categoria como uma unidade, cujas características classificadoras podem ser elencadas a priori e generalizadas. Pelo contrário, é necessário admitir sua diversidade, no que diz respeito às práticas, ao conteúdo de suas representações, à sua inserção/pertencimento social, ao gênero, a raças e etnias” (p. 79).

<sup>4</sup> “[...] identidade territorial cuja manifestação empírica é a própria experiência de habitar este lugar” (NOGUEIRA, 2007, p. 33).

<sup>5</sup> A ideia de contra-uso foi desenvolvida por Leite (2007). A expressão e o conceito contra-uso skatista foram originalmente elaborados por Luciano Hermes da Silva, Nelson Diniz e Maicon Gilvan Lima Campos. Foi exposta pela primeira vez ao debate acadêmico em Geografia por ocasião do XIV Encontro Latino Americano de Geógrafos, realizado em Lima, Peru, em 2013.

<sup>6</sup> A apropriação da Praça XV de Novembro por skatistas é um dos objetos da pesquisa mais ampla sobre a prática do skate em espaços públicos da qual este artigo é apenas um produto parcial.

## REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na Escola**. São Paulo: Papirus, 2012.
- \_\_\_\_\_. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 35, Volume Especial, p. 74-86, 2013.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CHAREST, Brian. **What can schools learn from de DIY skateboarding culture?** Disponível em: <<http://kickflippingatforty.wordpress.com/2014/02/13/what-can-schools-learn-from-the-diy-skateboarding-culture/>>. Acesso em: 23 mai. 2014.
- LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea. Campinas/Sergipe: Editora da UNICAMP/Editora UFS, 2007.
- LOW, Setha; SMITH, Neil. **The politics of public spaces**. Londres/Nova York: Routledge, 2006.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De carrinho pela cidade**: a prática do street skate em São Paulo. 268 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, 2011.
- NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: espaço de referência identitária? **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 27-41, 2007.
- SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SILVA, L. H.; DINIZ, N.; CAMPOS, M. G. L. A apropriação do espaço público pelo skateboarding no centro do Rio de Janeiro: o coletivo I Love XV e a conquista do direito à cidade. In: XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina. 14., 2013, Lima, **Anales...** Lima: CGP/UGI-Peru, 2013.
- WEIZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2001.
- ZARKA, Raphaël. **On a day with no waves**: a chronicle of skateboarding 1779-2009. Paris: Éditions B42, 2011.